

Carlos Van Zeller (1811-1837): Um Militar-Artista Anglo-Português nas Guerras Liberais Ibéricas

Rui Moura e José Norton
(Independent Researchers)

Prólogo

Carlos Van Zeller¹ nasceu em 31 de julho 1811, na cidade de Londres. No entanto era cidadão português, filho de pais portugueses. Foi batizado em 1 de agosto de 1817, na Real Capela Portuguesa de Londres, pelo capelão William Victor Fages, tendo por padrinho Arnaldo Van Zeller e madrinha D. Maria Browne. (Lima 179) A sua educação foi tipicamente britânica, quer na casa de família, quer nos diversos colégios que frequentou, tendo como primeira língua o inglês e uma formação anglo-saxónica, nas letras, nas artes e nos negócios.

1. O nome de Carlos Van Zeller é também registado em diversos documentos da época com outras formas ortográficas. O nome de batismo surge em versão portuguesa ou inglesa, Carlos ou Charles. O apelido Van Zeller (Van Zeller 1833, Braga 1938, Valente 1942 e Lima 1943) surge com diferentes variantes: Vanzeler, Vanzeller, (Knight 1834 e Barreiros 1904) Van-Zeller, (Torres 1831 e Torres 1838) Wanzeller (*Lista Geral*, 1835) ou até C.V.Z. (Van Zeller 1837) ou Vancellor.

1. Família Van Zeller

Os seus pais, ambos nascidos no Porto, terão saído de Portugal para fugirem ao invasor francês² ou para estabelecer um novo negócio, em Inglaterra? Não o sabemos.

O pai de Carlos, José Pedro Van Zeller (1756-1857) e a sua mãe, Genoveva Clamouse-Browne (c. 1785-1864), eram descendentes, respetivamente, de famílias católicas holandesas, de Roterdão, de irlandesas, de Killarney, e de francesas, de Toulouse. (Braga 169) Carlos foi o filho primogénito, entre nove irmãos.

O apelido Van Zeller está ligado a Portugal desde o século XVII. Os primórdios da ligação da família Van Zeller a Portugal começam com João Van Zeller (1665-1734), cônsul do Rei da Prússia junto da corte em Lisboa, casando na cidade do Porto, em 1687, com Maria Francisca Piper de Moura, com geração que deu continuidade ao apelido. Um dos filhos do casal João e Maria Francisca, Pedro Francisco Van Zeller (1709-1760), foi militar do Exército português, Coronel de Dragões e Governador do Forte de S. Neutel, em Chaves. (Torres 135)

Um sobrinho de João Van Zeller, Arnaldo João (1702-1766), também veio a estabelecer-se no nosso país, na cidade do Porto, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, com numerosa prole, que manteve o apelido. Arnaldo João era o bisavô de Carlos Van Zeller.

Por sua vez, Rolando Van Zeller (c. 1645) pertence a um terceiro ramo Van Zeller que se fixou em Portugal, parente dos anteriores e também oriundo da Holanda, casou em 1670, em Lisboa, com Joanne Marie Antoniette Venimet van Praet (c. 1640), sempre com geração a dar continuidade ao apelido Van Zeller até que José Aleixo Falcão Gamboa Fragoso Van Zeller (1762-1835) apenas teve descendência feminina, perdendo o apelido nas gerações seguintes.

2. Na primeira invasão francesa, liderada por Junot, o Porto foi ocupado, em dezembro de 1807, por tropas espanholas das divisões dos generais Taranco, oriundas da Galiza, e do general Carrafa, oriundas de Valência de Alcântara. Em abril de 1808, o general francês Quesnel toma posse do governo do Porto, devido à morte do general Taranco. Em fevereiro de 1809, o Porto foi tomado e ocupado pelo Marechal Soult, após uma invasão oriunda da Galiza.

O ramo da família de Arnaldo João Van Zeller, bisavô paterno de Carlos, veio para Portugal durante o reinado de D. João V, estabelecendo-se no Porto com muito sucesso no negócio do vinho. (Reis 289) Arnaldo João, nascido em Roterdão, casou-se no Porto em 1735, foi elevado a Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo (1757), por D. José I, e casou-se com Ana Francisca Henckell (1720-1801), também natural do Porto. Tiveram quinze filhos, onze rapazes e quatro raparigas. O décimo primeiro filho, teve o mesmo nome do pai, Arnaldo João Van Zeller (1751-1822) e veio a casar-se com Anne Eleanor Wittenhall (c. 1760-1802), nascida em Avintes, Vila Nova de Gaia. É interessante saber que o seu irmão mais velho, Pedro Van Zeller (1736-1802), era casado com Maria Isabel Wittenhall (1749-1819), irmã de Anne Eleanor, cujo pai era um abastado comerciante de Vinho do Porto.

O tio-avô de Carlos, o primogénito da família, foi igualmente Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo (1768), Cônsul da Rússia no Porto e fidalgo de Cota d'Armas (1786). A sua mulher, Maria Isabel, foi pioneira da vacinação contra a varíola em Portugal, no início do século XIX, tendo pessoalmente vacinado mais de 13 400 pessoas, apesar dos pareceres contrários da Igreja e da classe médica, (Van Zeller 2004, 118) o que lhe valeu o reconhecimento pela Academia das Ciências. Os Van Zeller viviam na Rua dos Ingleses no Porto e na sua Quinta de Fiães em Avintes. (*Idem* 117)

Pelo lado da sua mãe, Carlos era descendente dos Clamouse-Browne. Os Browne, família nobre irlandesa, tinham-se refugiado em Portugal, fugindo das guerras religiosas que assolavam a sua ilha natal, no século XVIII, estabelecendo-se no Porto. Andrew Browne, natural de Killarney, condado de Kerry, Irlanda, foi pai de Pedro Browne, Cavaleiro da Ordem de Cristo, que casou, no Porto, em 1740, com D. Francisca Xavier de Clamouse (1723), filha de Bernard de Clamouse, natural de Toulouse, cônsul de França no Porto e de sua mulher, D. Genoveva Hartsoeker. Pedro Browne e Francisca Clamouse tiveram como filho varão Domingos de Clamouse Browne, fidalgo-Cavaleiro da Casa Real, Comendador das Ordens de Cristo e da Conceição. Domingos, que viria a ser o avô materno de Carlos Van Zeller, foi cônsul de França no Porto.

Os Van Zeller tinham ligações familiares, quer no Porto, quer em Lisboa, e a sua elevada posição na sociedade da época fez com que fossem nobilitados como fidalgos da Casa Real e a professar na Ordem de Cristo. O Tomo II do livro *Árvores de Costados das Famílias Nobres dos Reinos de Portugal*, publicado em 1831, que inclui um extenso repertório das famílias nobres da província de Entre Douro e Minho, menciona cinco Van Zeller: Joaquim, (143) Ricardo, (152) Roberto, (153) Arnaldo (231) e Henrique. (234) Todos eles eram descendentes de Arnaldo João (bisavô de Carlos).

Carlos Van Zeller tinha ascendência notável e nobilitada, oriunda dos Países-Baixos, da Irlanda e de França. As respetivas famílias tinham-se radicado em Portugal e pertenciam ao grupo dos homens de negócios abastados, sediados em Lisboa e no Porto, cuja atividade comercial lhes permitira um estatuto social diferenciado. Por aliança de casamento, os Van Zeller ligaram-se aos Brownes e aos Clamouses,³ constituindo-se, assim, no decorrer dos anos, famílias portuguesas, de origem estrangeira, com elevado estatuto junto da Corte.

2. Estudos em Inglaterra e França

De acordo com Vasco Valente, que transcreve o diário⁴ do pintor, em Londres “as janelas do quarto de brincar (*nursery*) de Carlos van Zeller deitavam para a parada dum quartel de ‘Life Guards’” e “isso

3. Outro ramo familiar ligou ainda os Van Zeller aos Kopke, família de Hamburgo, sedeadada no Porto. Em 1794, Henrique Pedro Van Zeller (n.1752) casa no Porto com Maria Juliana Kopke (1765-1830).

4. O diário de Carlos Van Zeller, do qual se detalhará no ponto “Um Álbum que foi Diário”, é referido por Vasco Valente, no seu artigo publicado em 1942 no *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Citando Valente: “por uma feliz casualidade, foi-nos dado examinar, primeiro, o Diário, autógrafo, deste artista, volume in folio, barbaramente truncado, pois, além de algumas folhas arrancadas, tem outras, infelizmente, muito incompletas, por delas terem sido recortados os desenhos e aguarelas que o ilustravam, e, últimamente, um pequeno álbum em que foram coladas algumas dessas produções. O Diário é documentado com desenhos à pena, todo escrito em inglês e pertence hoje ao Snr. Coronel Alexandre Van Zeller, sobrinho de Carlos Van Zeller (...). O álbum é propriedade do Snr. Rodrigo de Castro Pereira, também parente do Artista, e tem, coladas, muitas aguarelas, algumas interessantes e documentais, outras cheias de movimento, de observação e de espírito crítico.” As tentativas, levadas a cabo pelos autores, de aceder a este diário não tiveram sucesso, apesar da ajuda de vários elementos da família Van Zeller, que agradecemos, e por isso aceitamos de boa-fé as referências e transcrições de Vasco Valente.

influiu decisivamente na sua vida, inculcando-lhe a paixão militar.” (49) É também por informação registada no seu diário que ficamos a saber que frequentou durante dois anos um colégio de Shefford, Bedfordshire, a norte de Londres. Esta era uma escola católica fundada e regida pelo capelão Mr. John Potier (aliás Jenison), padre católico. Seguidamente, prosseguiu estudos no Oscott College, ou St Mary’s College, um seminário da Igreja Católica Romana da Arquidiocese de Birmingham, entregue aos cuidados de Ricardo Van Zeller, seu primo, que estudava para padre.

Em 1825, com apenas quatorze anos, prosseguiu os estudos em Paris, onde frequentou o colégio de Mr. de Sadler. (Valente 49) Valente acrescenta ainda que “tendo manifestado sempre grande propensão para o desenho, nele recebeu as suas primeiras lições dum padre Inglês, Mr. Reishon”. (*Idem*)

3. Vida Infeliz no Comércio

Com cerca de dezassete anos, em 1828, regressou a Inglaterra para se dedicar à vida comercial, na empresa de seu pai, a Joseph Van Zeller & Co. A empresa dedicava-se, em Londres, ao negócio de importação e exportação de bens para o Brasil, onde possuía uma delegação na cidade da Baía. As principais importações do Brasil eram café, açúcar, couros, tabaco e algodão. (*The Baring Archive*, 2.358) Os laços comerciais em Lisboa eram efetuados pela empresa de James Finnie Esq. (Joseph Van Zeller & Co.) Ainda de acordo com o seu diário, Carlos “levava vida opulenta, dispendendo [*sic*] de 4 a 5.000 libras anuais”,⁵ (Valente 49) o que, dado a sua juventude, era uma quantia de dinheiro muito considerável.

Com quase dezoito anos, em maio de 1829, Carlos viaja em negócios com o seu pai para Lisboa, no vapor *Duke of Kent*, sendo esta a primeira vez que vem a Portugal. Era igualmente passageiro neste navio

5. Um valor anual superior a meio milhão de euros de 2022. (Conversão de libras esterlinas de 1828 em euros através de dados históricos de inflação. V. <https://www.in2013dollars.com/uk/inflation/1828>)

o reverendo W. M. Kinsey, autor de *Portugal Illustrated: In a Series of Letters* (1828), um livro com várias gravuras de paisagens portuguesas, de diferentes autores. De acordo com o seu diário, Carlos Van Zeller acompanhou o reverendo Kinsey nas suas visitas ao Porto, ao Norte de Portugal e ao Douro, antes de voltar a Lisboa, tendo apenas regressado a Londres no final de setembro. No relato do seu diário descreve o trajeto da viagem do Peso da Régua até ao Porto, efetuada num barco rabelo, que surge acompanhado por uma aguarela sobre o tema (Fig. 1):



Figura 1 – *Embarcking Porto from Pezo da Regoa* (Carlos Van Zeller, Álbum).

O regresso a Inglaterra significou voltar a uma vida de trabalho burocrático, fechado num escritório, “once more among the big books, blotting paper, pens, ink black and red (...)” (Valente 50) O seu espírito aventureiro e gosto por conhecer Mundo, terá sido provavelmente despertado pelos cinco meses de viagens em território português, que decerto terá extremado a sua aversão aos negócios. É assim que propõe a sua ida para o Brasil, ao serviço de uma companhia de exploração mineira de ouro, com vista a explorar o interior desse grande território da América do Sul. Mas como os negócios familiares se encontravam em crise, Carlos Van Zeller é enviado ao Brasil com a missão de se

inteirar dos problemas da filial da empresa de família na Baía. Esta viagem ao Brasil foi decisiva para sua tomada de posição de abandonar a atividade comercial, que lhe tinha sido traçada pela família, seguir a sua vocação militar e correr o mundo em aventuras. Chega mesmo a ponderar o alistamento num regimento de cavalaria brasileiro ou, até, incorporar-se num regimento inglês e partir para a Índia.

No regresso a Londres, em setembro de 1830, Carlos encontra o negócio da família em profunda crise, descobrindo que, entretanto, o seu pai havia embarcado em direção ao Brasil para tentar salvar a empresa. Este facto é para si preocupante, pois a ausência do pai inviabilizava a incorporação no Exército britânico, por falta de autorização paterna, uma vez que ainda era menor de idade. Mas a sua nacionalidade portuguesa constituía uma barreira intransponível à sua tão desejada entrada no exército britânico, por isso, de pouco lhe valeu a autorização paterna, o que o levou a aproveitar uma oportunidade inesperada que, entretanto, lhe surgiu.

4. Voluntário no Exército de D. Pedro

Os partidários de D. Pedro procuravam, por essa época, voluntários em Inglaterra para formar unidades de combate que pudessem constituir a expedição a Portugal, com o objetivo de libertar o país da governação de D. Miguel, que usurpara os direitos reais e se constituíra como monarca absoluto. Esta era a oportunidade que Carlos tinha para fugir aos negócios da família e abraçar a profissão militar que tanto ambicionava, oferecendo-se como voluntário para o serviço da Rainha D. Maria II.

Esta unidade de voluntários ingleses recrutados em Londres e organizada sob o comando do Coronel George Lloyd Hodges, concentrou a sua força em Belle Île,⁶ para onde também se dirigiram

6. Belle-Île-en-Mer é a maior ilha da costa da Bretanha, situada no golfo da Gasconha, próxima da foz do Rio Loire e do Cabo de Quiberon. Curiosamente tinha sido igualmente o local de concentração das forças portuguesas fiéis a D. António, Prior do Crato, que, em 1582, partiram para uma tentativa de conquista dos Açores, que redundou no insucesso da batalha naval de Vila Franca do Campo, em 26 de julho de 1582.

os partidários de D. Pedro, exilados da pátria, para partirem, rumo à Terceira, nos Açores, bem como o próprio D. Pedro IV e os seus mais fiéis seguidores. Enquanto unidade auxiliar não tinha qualquer ligação ao Exército britânico e era composta, de acordo com o seu primeiro comandante, “of the most motley and heterogeneous elements”. (Hodges vol. 1, 147) Sem dúvida que alguns dos oficiais, e mesmo sargentos e praças, tinham experiência militar prévia, devido à sua participação nas guerras napoleónicas, mas para muitos era a primeira vez que envergavam um uniforme, ou mesmo disparavam uma arma.

Como Hodges refere, o recrutamento tinha atraído: “strolling players, ballad-singers, chimney-sweepers, prize-fighters, the wig-dresser of his late Majesty, attorneys’ clerks, medical students, painters, engravers, printers, poets, all variously animated with the love of fame and liberty, or the fear of want”. (*Idem*) A posição privilegiada de Van Zeller, quer pela sua escolaridade, quer pelo seu estatuto económico, permitiu-lhe ser incorporado como oficial.

Após a chegada aos Açores, o batalhão inglês aquartelou-se na Vila da Praia, na ilha Terceira, onde se preparou e treinou para a futura campanha. Foi aqui que recebeu as armas e os equipamentos vindos de Inglaterra e que uma amálgama de “most motley and heterogeneous elements” se transformou numa unidade de combate treinada. O batalhão foi incorporado no “Exército Libertador”, este último sob o comando do General Conde de Vila Flor,⁷ por despacho do Ministro da Guerra, de 5 de maio de 1832. Hodges agradeceu a confiança e apresentou os cumprimentos a Vila Flor afirmando, “I have further the satisfaction to state to your Excellency, that the British battalion is ready to embark at the shortest notice”. (Hodges Vol. 1, 302)

7. General António José de Sousa Manuel de Meneses Severim de Noronha (1792-1860), 7º Conde de Vila Flor, mais tarde Marechal e 1º Duque da Terceira.

5. O Cerco do Porto

O Batalhão britânico, do qual fazia parte Carlos Van Zeller, integrou a expedição liberal que, sob o comando militar de Vila Flor e com a presença de D. Pedro e do seu governo, se dirigiu ao Porto, em julho de 1832, desembarcando na Praia do Mindelo no dia 8. Contavam-se 49 navios e cerca de 8300 homens, transportados numa esquadra sob o comando do Almirante George Rose Sartorius (Freire 1834). Contrariando a vontade de D. Pedro, o Batalhão inglês, também conhecido por Batalhão de Marinha, foi o primeiro a desembarcar, como nos relata o autor do livro *O Cerco do Porto em 1832 para 1833*:

A guarnição do Brigue de Guerra Conde da Vila Flor foi a primeira, que, saltando em terra, cravou a Bandeira da senhora D. Maria II no ponto de desembarque, e, logo depois dela o General Conde de Vila Flor com todo o seu Estado Maior, uma parte do Batalhão de Marinha com os seus Chefes respectivos, foram os primeiros que conseguirão [*sic*] saltar na Praia. (...) O Batalhão de Marinha, foi estabelecer-se em Perafita. (55)

A unidade de Carlos Van Zeller foi uma das mais ativas nas operações que decorreram em defesa do Porto e nas sortidas contra as posições miguelistas, entre julho de 1832 e julho de 1833. O Coronel Hodges escreveu um interessantíssimo livro, em dois volumes, *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832: Under the Orders of His Imperial Majesty, Don Pedro, Duke of Braganza* (1833), no qual relata a campanha, incluindo a descrição das dificuldades do recrutamento de voluntários, a forma sub-reptícia como tiveram de sair de Inglaterra, os problemas de transporte para Belle Île e daí para a Ilha Terceira, a preparação e o treino na Vila da Praia, a expedição em direção ao continente, bem como o desembarque no Mindelo e o Cerco do Porto. Embora o nome de Van Zeller, nunca seja referido pelo autor, esta descrição detalhada das operações do Batalhão britânico, permite-nos perceber qual foi o contributo deste militar na tomada deste ponto estratégico aos absolutistas.

Não obstante a ausência do seu nome na escrita de um oficial superior que tinha acesso aos Comandantes do Exército Libertador e, até, a D. Pedro, Van Zeller é mencionado em três ocasiões na obra *The British Batallion at Oporto* (1834), escrita pelo cabo Knight, que descreve as campanhas em Portugal, vistas por um soldado. Knight, militar experiente, do 3.º batalhão do *95th Regiment of Foot*, mais tarde *Rifle Brigade*, com presença nas campanhas da Holanda (1813-1814) e de Waterloo (1815), tinha sido dispensado em 1818, na sequência da redução do exército britânico após as guerras napoleónicas. Em outubro de 1831, após anos de trabalho braçal na construção, em Londres, tomou conhecimento de um recrutamento secreto que ocorria para constituir uma unidade de voluntários para o serviço da rainha de Portugal e logo se ofereceu, farto que estava de uma vida pouco aventureira: “I was now tired of quiet work, and wanted to have a little of the old game” (36). Obviamente que, para além da aventura, as promessas de glória e de um bom pré ajudaram à decisão, sendo um dos primeiros duzentos homens recrutados para servir como fuzileiros navais. Embarcados em Inglaterra foram inicialmente para Belle Île, de onde partiram para os Açores, a 10 de fevereiro, após D. Pedro e oficiais portugueses se juntarem à Expedição. (49)

A primeira ocasião em que Knight refere Carlos Van Zeller é quando descreve a situação em que o jovem tenente prestava serviço como chefe de destacamento de piquete, e que, precisando de um apoio para dormir, lhe “confiscou” a mochila para servir de almofada:

A short time before the affair of the 16th September [1832], being on piquet duty on a hill near Bom Fim, on a very wet night, Lieutenant Vanzeller led the men to some huts on the left for shelter. Before lying down he borrowed my knapsack for a pillow, saying, ‘Corporal, keep a sharp look-out on the sentries’ of whom there were seven (...). (81)

Numa outra referência, acerca de uma tempestade que se abateria, uma semana e meia depois do primeiro relato, Knight conta-nos que “when on piquet duty on the night of the 27th, there was a most tremendous storm of rain, thunder, and lightning, and

Lieutenant Vanzeller, the officer of the guard, got out of the small house made of boughs, under an oak tree, into the open field, to be safe from the lightning (...)." (93)

A história sobre Van Zeller, porventura a mais interessante, que o autor menciona no seu livro, descreve os efeitos devastadores que o ataque miguelista do dia 29 de setembro de 1832 teve no batalhão britânico e o facto extraordinário de Van Zeller ter sido o único oficial que não foi morto ou ferido: "our little battalion was terribly cut up on the 29th of September; (...) every officer, with the exception of Lieutenant Vanzeller, being killed or wounded" (98) Na realidade, na guerra também é preciso contar com o fator sorte. O tenente Van Zeller tinha sido colocado ao comando de dezoito homens numa trincheira, enquanto todo o resto da força se encontrava em espaço aberto aquando do ataque miguelista. (Shaw vol. 2, 192)

O combate nas Linhas do Porto, no dia 29 de setembro de 1832, foi provavelmente o dia mais sangrento de toda a Guerra Civil. O dia terminou com um total de 823 baixas no exército liberal, entre mortos e feridos. A unidade mais causticada foi, de longe, o Batalhão de Marinha inglês, com um total de 262 baixas, praticamente todo o efetivo. Nesta ação, a unidade de Van Zeller registou 68 mortos, entre eles quatro oficiais – o Tenente-coronel Burrell, os tenentes Souper e Buston e o Alferes Campbell (*Lista Geral* 122-123) –, e ainda 194 feridos, dos quais nove oficiais: o Coronel Hodges, o Major Shaw, o ajudante Brown, os capitães Chinnock e Mitchel, os tenentes Weick, Jenkins e Walsh, e o Alferes Woobridge. (*Idem* 136)

A força inglesa destacada, com cerca de duzentos e cinquenta homens, sob o comando do Tenente-coronel Burrell, defendia as baterias do Bonfim e do Fojo quando foi atacada por uma coluna miguelista, constituída por cerca de dois mil soldados, que avançou pela estrada de Valongo. (*O Cerco do Porto em 1832 para 1833*, 74-75) A luta que se seguiu foi sangrenta, com pesadíssimas baixas na força defensiva, que teve de retirar para dentro das linhas. (Bollaert vol. 1, 45)

Foi durante o cerco do Porto que Carlos Van Zeller pintou, no ano de 1833, uma panorâmica da cidade invicta e do Douro, vista a partir da Serra do Pilar, em Gaia. Essa panorâmica, dedicada a D. Pedro, Duque

de Bragança, foi gravada por Robert Havell e impressa em Londres, a 20 de setembro de 1833 (Fig. 2), contendo a seguinte legenda, em português e inglês: “Esta vista da cidade do Porto foi tomada do Convento da Serra durante as ocorrências de 1833 dedicada a S.M.I. o Senhor D. Pedro Duque de Bragança e mandada publicar por ordem do Mesmo Augusto Senhor”.



Figura 2 – *View of the City of Oporto*, drawn by Captain Charles Van Zeller, British Brigade. [engrav. Robert Havell]. Londres, 1833.

Não é, pois, de admirar que, com este elevado nível de atrição, Carlos Van Zeller tenha sido promovido rapidamente a capitão e, depois, a major, pois as promoções eram necessárias para substituir oficiais mortos ou gravemente feridos. Recrutado como alferes foi promovido a tenente quatro meses depois, a 1 de dezembro de 1831, ainda em Inglaterra, e, em menos de dois anos e meio, Van Zeller foi promovido de tenente a major. (Lima 179) É promovido a capitão, cinco meses depois do desembarque no Porto, em 18 de dezembro de 1832, sendo colocado no comando de uma

companhia e integrado no Regimento da Brigada Real de Marinha, sob o comando do Coronel graduado Robert Williams, no sector da Foz. (*Lista Geral* 100) Finalmente, é graduado a Major do Regimento de Granadeiros Britânicos, sob o comando do Coronel Daniel Dodgins, em maio de 1834. (Portugal. SENG)

6. A Tomada de Lisboa

De acordo com o seu diário, a 17 de julho de 1833, juntou-se ao Esquadrão de Lanceiros ingleses, sob o comando do Capitão John Griffiths, na Messejana, aquando da Expedição ao Algarve do Duque da Terceira, quando este marchava sobre Lisboa. (Valente 52) Carlos está, assim, presente no combate de Setúbal, em 22 de julho de 1833, na Batalha da Cova da Piedade, no dia seguinte, e na entrada em Lisboa, a 24 de julho. (*Lista Geral* 119)

Durante as ações do Cerco e Defesa de Lisboa, assume funções de ajudante-de-campo de oficiais superiores portugueses. Assim, a 5 de setembro, na ação de defesa perante o ataque miguelista às linhas de Lisboa, foi ajudante de campo do Coronel graduado Francisco Xavier da Silva Pereira,⁸ comandante da valorosa unidade de Caçadores 5. Nos meses subsequentes foi ainda ajudante-de-campo do Coronel, graduado em Brigadeiro, Domingos Melo Breyner, encarregado de um dos distritos de defesa de Lisboa, e do General Bernardo António Zagalo, comandante da brigada constituída pelas unidades de Caçadores 5, Caçadores 12 e Voluntários da Rainha.

8. Pela ação distinta na defesa de Lisboa, no dia 5 de setembro, o Coronel Silva Pereira (1793-1852) foi feito Barão das Antas, a 7 de setembro. Mais tarde foi Visconde e Conde das Antas e Tenente-general. Iniciou a carreira militar como Alféres da Leal Legião Lusitana (1808) e terminou a Guerra Peninsular como Capitão do Batalhão de Caçadores n.º 7, aos 21 anos.

7. No Exército Português

No Arquivo Histórico Militar encontra-se um processo de habilitação de herdeiros de Carlos Van Zeller, assinado por Joseph Van Zeller e D. Genoveva Van Zeller, seus pais, com o n.º 2022. Este documento foi remetido à Comissão Mista Luso-Britânica, em setembro de 1843, por Francisco Inácio Van Zeller, representante dos pais em Lisboa, junto da Comissão Mista e do governo português (PT/AHM/DIV/1/19/162/20, 19) (Fig. 3):

Name of the Soldier	Rank	Regiment	Date of Entry	Date of Discharge	Remarks	Signature
Moussier	Private	1st Regt of Foot	31 Aug 1831	1835
Bastard	Private	1st Regt of Foot	31 Aug 1831	1835

Figura 3 – Documento de habilitação de herdeiros no AHM (PT/AHM/DIV/1/19/162/20).

No requerimento de habilitação de herdeiros podemos verificar que Carlos foi recrutado a 31 de agosto de 1831, em Londres, debaixo do *Sartorius Contract*, prestou serviço à causa de D. Maria II no Regimento de Marinha (Marines) e nos Granadeiros Britânicos, tendo servido sucessivamente sob as ordens dos Coronéis Hodges,

Williams e Dodgins. (*Idem*) A sua curta carreira constou dos seguintes postos, datas de promoção e tempo em cada posto:

Posto	Data de promoção	Tempo de posto	Cálculo de pagamento ⁹
Alferes	31 de agosto de 1831	123 dias	
Tenente	31 de dezembro de 1831	384 dias	323 dias
Capitão	19 de dezembro de 1832	525 dias	525 dias
Major	28 de maio de 1834	1286 dias	437 dias
Falecimento	4 de dezembro de 1837		

Verificamos também neste documento que Carlos foi considerado ao serviço de Portugal numa unidade estrangeira, para efeitos de pagamento dos seus serviços, até ao início do mês de setembro de 1835.¹⁰ Durante o seu serviço recebeu prês no montante de mais de 1021 libras esterlinas e os seus herdeiros reclamaram um montante adicional de mais de 433 libras de vencimentos devidos de acordo com o contrato. (20)

Apesar da sua origem britânica e do seu recrutamento se ter verificado nas circunstâncias já referidas, Van Zeller não deixava de ser um cidadão português que tinha participado nas Guerras Liberais, ao serviço de D. Maria II, embora integrado numa unidade inglesa, pelo que, sentindo a sua comissão de oficial em perigo, por dissolução do seu regimento, efetuou um requerimento, datado de 18 de dezembro de 1834, no qual solicitava à Rainha ser integrado no Exército Português, com o posto de major, alegando que:

9. Valores reclamados pela família ao Governo português relativos ao serviço prestado em unidades britânicas. (PT/AHM/DIV/1/19/162/20, 19)

10. De acordo com as regras estabelecidas, o cálculo de vencimentos estava limitado a novembro de 1835. V. "Article VI – Object of Claim and Period of Claiming, das General Rules for the Reception, Classification, and Adjudication of Claims by the Commissioners forming the 'Mixed British and Portuguese Commission', approved by Her Britannic Majesty's Principal Secretary of State for Foreign Affairs, and Her Most Faithful Majesty's Minister Plenipotentiary at the Court of St. James's". *The London Gazette*, no 19994, Tuesday, June 29, 1841: 1684.

(...) julgou o Sup.e [suplicante] do seu dever como Subdito Portuguez que era não só o offerecer-se a Sua Magestade Imperial para todo, e qual-quer serviço mas não escolher nem designar o Corpo em que desejava servir; foi o Sup.e mandado para o Batalham Britanico no qual fez grande parte da Campanha merecendo pelos seus serviços ser promovido até ao posto de major graduado, e porque receoso que agora ou mais para o diante se possa dissolver o Regimento no qual actualmente está servindo seria injusto ficar o Sup.e sem emprego, quando he Subdito Portuguez, e não lhe competia escolher Corpo, e so hia servir no Corpo que se lhe nomeasse.

Pede a V. Magestade a graça de lhe conceder passage a Classe dos Officiaes do Exercito na patente em que se acha. (Lima 180)

A verdade é que Carlos Van Zeller passou realmente ao corpo de oficiais do Exército português, com o posto de Major, e foi nesse posto que passou a servir no Estado Maior do Corpo de Exército de Observação sob o comando do Tenente-general Visconde do Reguengo, Jorge de Avillez,¹¹ como adido à repartição do ajudante-general do mesmo Corpo. (Pereira 1938, 88)

Após o fim da guerra civil em Portugal, o governo português, em cumprimento do tratado da quádrupla aliança, preparou e enviou para Espanha uma divisão expedicionária para apoiar as forças que defendiam os direitos da jovem rainha Isabel, representante da causa liberal, contra o seu tio D. Carlos que simbolizava os princípios do absolutismo, regime que este pretendia restaurar em Espanha. Uma situação muito semelhante à que se tinha passado em Portugal, anos antes, com a igualmente jovem rainha D. Maria II e o seu tio D. Miguel.

As unidades do Exército de Observação foram sediadas em Chaves, Vila Real, Bragança e Almeida, ficando o comando e o estado-maior em Chaves, comandado pelo Brigadeiro António Vicente Queiroz,

11. Jorge de Avillez Zuzarte de Sousa Tavares (1785-1845), 1.º Visconde do Reguengo, 1.º Conde de Avillez, Tenente-general e Par do Reino. Herói das Guerras Peninsulares no comando do Batalhão de Caçadores n.º 1 e do Regimento de Infantaria n.º 2. Governador de Montevidéu e Governador das Armas da Corte e Província do Rio de Janeiro.

comandante da 2.^a Brigada,¹² em virtude de o Tenente-general Jorge Avillez ter recolhido a Lisboa, a 23 de maio de 1835, devido a assuntos de saúde pessoal. (Pires 80)

O Major graduado Carlos Van Zeller encontrava-se adido à repartição do ajudante-general do estado-maior do Corpo de Exército, sendo nomeado para o quartel-general a 16 de fevereiro de 1835, no qual se apresentou a 17 de março, não sem antes ter efetuado diversas viagens pelo país. Em janeiro de 1835 visitou Marvão, Castelo de Vide, Alter do Chão, Montemor-o-Novo, Arraiolos e Aldeia-Galega,¹³ e para se apresentar no seu local de colocação passou por Rio Maior, Leiria, Figueira, Mortágua, Viseu, Lamego, Régua, Entre-os-Rios, Guimarães, Braga, Salamonde, Montalegre e Chaves. (Valente 54) Entre fevereiro e março de 1835, Carlos foi enviado à Galiza para fazer uma viagem de reconhecimento, passando por Límia, Orense, Santiago de Compostela, Lugo e Betanzos. A 19 de março, regressou ao seu estado-maior, em Chaves, e apresentou um relatório das suas observações.

8. Nas Guerras Carlistas

Por Ordem do Exército n.º 28, de dia 29 de junho de 1835, (Portugal SENG) determina-se uma licença registada concedida “Ao Major Graduado do Regimento de Granadeiros Britânicos, Carlos Wanzeller, dous mezes para ir a Gibraltar”, para passar a incorporar a Divisão Auxiliar à Espanha. Não mais voltaria às suas funções no estado-maior do Exército de Observação. (Pereira 1938, 88) Entre junho e julho desse ano passou por Braga, Porto, Valladolid, Logroño, Miranda e Burgos, regressando, em agosto, a Porto e Lamego, (Valente 55) para o voltarmos a encontrar em Burgos em outubro.

12. A 8 de Agosto apresentou-se em Chaves o Brigadeiro Victorino José d’Almeida Serrão, comandante da 1.^a Brigada, que assumiu o comando do Corpo de Exército, voltando o Brigadeiro Queiroz ao comando da 2.^a Brigada.

13. Povoação hoje conhecida por Montijo.

A 10 de outubro, o Coronel Velez Barreiros,¹⁴ em Burgos, escreve no seu diário: “Chegou Wanzeller para as minhas ordens”, (322) acrescentando, a 9 de junho de 1836: “Marchou Wanzeller para Lisboa; tencionando ir por Saragoça, mudou, no momento da marcha, e seguiu por Burgos.” (*Idem* 329)



Figura 4 – *Soldiers of the British Legion on the Spanish Service* (Carlos Van Zeller, Álbum).

O jovem coronel Barreiros, tendo rapidamente ascendido, durante a guerra civil, havia sido enviado para Espanha, em novembro de 1834, como comissário do nosso governo junto do general em chefe do exército de Isabel II, e aí permaneceu até fins de 1837, devido ao

14. Joaquim António Velez Barreiros (1802-1865), futuro General de Divisão, 1.º barão e 1.º visconde de Nossa Senhora da Luz.

envolvimento português na Primeira Guerra Carlista. Esta foi uma guerra civil, travada entre 1833 e 1840, entre os partidários do infante Carlos Maria Isidro de Borbón, conhecidos como carlistas e partidários de um regime absolutista; e os de Isabel II, partidários de um regime liberal e denominados cristinos por apoiarem a regente Maria Cristina. Tal como na guerra civil em Portugal, múltiplos corpos de mercenários estrangeiros participaram no conflito, designadamente ingleses (Fig. 4) e franceses, bem como grupos de guerrilhas (Fig. 5). Todos foram objeto da pena de Van Zeller, considerado um artista incontornável na representação desta guerra: “um dos melhores. (...) nos seus desenhos aparecem representados populares e carlistas com os seus comandantes, mas também cenas cheias de ação, como o assalto de tropas francesas a uma fortaleza carlista, (...) hospitais improvisados ou enterrando os mortos.” (Yusta 99)



Figura 5 – Guerrilheiros Bascos, Partidários Carlistas (Carlos Van Zeller, *Álbum*).

A participação de Van Zeller na campanha decorreu principalmente no País Basco espanhol, no apoio às tropas portuguesas, mas também fazendo a ligação com a “legião inglesa”. (Barreiros 328) Nesta missão, Van Zeller distinguiu-se em diversos combates contra os carlistas, “granjeando, pelo modo como se comportou, a estima e os louvores de muitos generais da nação vizinha.” (Pereira 1911, 124-125) Carlos participa nas ações de 21 a 24 de maio, recebendo a Medalha espanhola da Cruz de 1ª Classe de São Fernando. (Lima 181)

Após a sua participação nas guerras carlistas e regressado a Lisboa, Van Zeller pediu uma licença por dois anos, mas a vontade de cumprir um sonho antigo levou-o à Índia. Quis o destino que este sonho fosse a sua derradeira viagem. Depois de ter sobrevivido a tantos combates, uma doença fatal, contraída em Mossul, no norte do Iraque, ceifou-lhe prematuramente a vida aos vinte e seis anos de idade. (*Idem*)

9. Litografias em Desenhos de C.V.Z.

Como vimos, Carlos Van Zeller morreu em Mossul, cidade da Mesopotâmia, no ano de 1837. Durante a sua curta vida poucos foram os seus trabalhos artísticos dados a público. Para além da gravura (*mezzotinto*), executada por R. Havel, sobre desenho seu, representando uma vista da cidade do Porto, tomada do alto da Serra do Pilar em 1833, apenas foi publicado por J. Dickinson (n.º 114, New Bond Street), em Janeiro de 1837, em álbum, um conjunto de 12 litografias executadas por J.W. Giles e impressas pelo “impressor da rainha”, J. Graf, sob o título *Civil War in Spain: Characteristic Sketches of the Different Troops, Regular and Irregular, Native and Foreign, Composing the Armies of Don Carlos and Queen Isabella, also Various Scenes of Military Operations, and Costumes of the Spanish Peasantry*. Não temos dúvidas de que o autor indicado dos desenhos originais, “Major C.V.Z.”, foi Carlos Van Zeller, e que são dele também as legendas, explicações e descrições de cada litografia. Foram apenas publicadas 12 litografias em duas séries, de um total previsto de seis séries (seriam 36 litografias?):

Primeira série:

Plate 1 - Don Carlos, Zumalacareguy and the Staff

Plate 2 - The Carlist Cavalry

Plate 3 - Carlist Infantry and Encampment

Plate 4 - New Square of Vitoria

Plate 5 - The British Legion

Plate 6 - The Chapelgorris

Segunda série:

Plate 1 - Spanish Staff Officer & his servant going to the Army

Plate 2 - Burying the dead after a Battle

Plate 3 - French Legion Storming a Carlist intrenchment

Plate 4 - Queens Infantry

Plate 5 - Guerrillas of Martin Zubano

Plate 6 - The Hospital

Neste álbum, Carlos Van Zeller teve o cuidado de se dirigir aos leitores com as seguintes palavras introdutórias:

Having for a considerable period been attached to the Staff of the Spanish Army. I amused myself, during my leisure hours, in sketching the variety of costumes and military scenes which I have frequently witnessed. These trifling outlines I proposed placing in my private album; but by the earnest persuasion of my friends I have been induced to publish them. (Van Zeller 1837)

A originalidade e qualidade dos desenhos é inexcelsível e os temas são fundamentais para um melhor conhecimento dos acontecimentos e das personagens da época, bem como dos uniformes, dos trajes e hábitos locais da época, uma vez que muito poucas publicações originais coevas reproduziram este período da história da Península e, por certo, nenhuma com o mesmo detalhe e precisão. Mas Carlos era uma pessoa muito reservada e modesta, pedindo “every indulgence” aos seus leitores e terminando com um pedido: “I only request that all, under whose inspection these Sketches may fall, will please remember that the author is merely an Amateur”. (Van Zeller 1837) Também as descrições e explicações sobre as gravuras deverão ser de

Carlos. A título de exemplo apresenta-se o comentário sobre a gravura nº 4 da primeira série, *The New Square of Vitoria* (Fig. 6):

No. 4, The New Square of Vitoria. No. 1, Recruits, generally known by the name of the Mendizabals, belonging to the 100,000 new troops that Minister ordered to be raised, but of which only 20,000 ever appeared at the army; they are all remarkable small men, and perfect boys. No. 2 A Soldier of the Light Troops, of the Province of Aragon, called Minones. No. 3 a Lady with the mantilla, the universal dress of Spain. No. 4 Peasants from the valley of Paz, in the neighbourhood of Sant'Ander, who cross the country occupied by both armies, selling butter and lemons, and serving as spies to both the Queen's and Carlist Generals. No. 5, Maid Servants of Navarra and Biscaya. (*Ibidem*)



Figura 6 – *The New Square of Vitoria* (Carlos Van Zeller, lit. J.W. Giles, W.R.D.).

Para além destes extraordinários *sketches* não se conhecem outras publicações com base em desenhos de Carlos Van Zeller, ainda que o artista tenha deixado para trás, ao abandonar Espanha, alguns desenhos de uniformes das tropas carlistas, de que foram executadas, pelo

menos, seis gravuras na Litografia de Jean Marie Ligny, em Paris, na rue de Quincampoix, 38. Destas litografias numeradas de um a seis, com título bilingue, em inglês e francês, podemos encontrar atualmente um conjunto completo no Museu Carlista de Madrid e três na Biblioteca Regional da Bizcaia (Bizkaiko Foru liburutegia), em Bilbao:

- No. 1 – Infantry of the Line | Soldat d’Infanterie de Ligne Carlisle
- No. 2 – Cavalry of the Province of Alava | Soldat de Cavalerie Carlisle de la Province d’Alava (Fig. 7)
- No. 3 – Light Infantry of the line | Soldat d’Infanterie legere Carlisle
- No. 4 – Cavalry of the Province of Navarra | Cavalier Carlisle de la Province de Navarre
- No. 5 – Doineiro or Guerrilha | Douanier ou Guérrille Carlisle
- No. 6 – Cavalry of the Province of Guipuscoa | Cavalier de la Province de Guipuscoa



Figura 7 – Soldado de Cavalaria Carlista da Província d'Alava (Carlos Van Zeller, Lit. Ligny).

10. Um Álbum que foi Diário

Durante quase cem anos, o público não ouviu falar de Carlos Van Zeller. O silêncio foi quebrado por um parente, Rolando Van Zeller, quando publicou na *Revista Portucale* de 1934 um artigo intitulado “Subsídios para o Estudo do Traje em Portugal no 2.º Quartel do Século XIX”, um texto muito curto, que fez acompanhar de reproduções de oito desenhos à pena, incluindo um em que o autor se autorretrata de chapéu alto, montando uma mula e acompanhado por um criado. O artigo começava assim:

Estas notas para a história do traje em Portugal foram colhidas num jornal de viagem de Carlos Van Zeller, jornal iniciado em 1834, depois de dissolvido o Regimento dos Reais Granadeiros Britânicos onde a essa data ocupava o posto de major.

Não receando as dificuldades de transporte, percorreu todo o País escrevendo e felizmente ilustrando com primorosos desenhos à pena as suas impressões de viagem.

Apesar de esse diário se apresentar incompleto, ainda consegui reunir uns oito desenhos que mostram bem qual o traje popular dessa época. (Van Zeller 1934)

O diário de Carlos Van Zeller estaria incompleto e parcialmente legível, pois o articulista reproduziu um comentário do artista sobre um dos desenhos: “The walking dress of the female of Coimbra is ridiculous in the extreem. The mantilha is in every aspect the same as that of Oporto except the cape which projects to an extraordinary length beyond the face so as nearly to hide it, ending in a sharp point which bends downwards nearly as fan (far?) as the chin”. (Van Zeller 1934) Mais quatro ou cinco curtos parágrafos com considerações sobre os trajes populares terminavam o artigo, sem mais nenhuma referência a Carlos Van Zeller, o seu “journal”, desenhos ou aguarelas (Fig. 8):



Figura 8 – Figuras de Portugal (Carlos Van Zeller, *Álbum*).

Em 1939 apareceu no livro de Luís Chaves, *Os Pelourinhos. Elementos para o seu Catálogo Geral*, um desenho à pena atribuído a Carlos Van Zeller com a representação do pelourinho das Caldas da Rainha. Passaram-se poucos anos e, em 1942, Vasco Valente, então diretor do Museu Soares dos Reis, publicou, no nº 11 do *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, um artigo intitulado “Carlos Van Zeller, Artista Português da Primeira Metade do Séc. XIX”. (48-57) Escreveu este autor, logo no início do seu texto:

Por uma feliz casualidade, foi-nos dado examinar, primeiro, o Diário, autógrafo, deste artista, volume in folio, barbaramente truncado, pois além de algumas folhas arrancadas, tem outras infelizmente muito incompletas, por delas terem sido recortados os desenhos e aguarelas que o ilustravam. (48)

Parece inquestionável que se trata do *Diário* anteriormente referido, só que, segundo este autor, estava, naquela data, na posse do Sr. Tenente-coronel Alexandre Inácio de Barros Van Zeller (1876-?). Desse diário retirou Vasco Valente uma série de dados biográficos sobre o militar-artista, permitindo-nos concluir que, além das entradas diárias, algumas também reproduzidas no artigo, conteria

memórias mais antigas e recordações de Inglaterra e de França, onde Carlos Van Zeller estudara. Vasco Valente não indica, contudo, a data em que começou a ser escrito o diário, nem refere dados mais precisos. Curiosa é a sua menção, no diário, às lições de desenho que recebera de um “Sr. Fonseca” acabado de regressar de Roma, que bem podia tratar-se do pintor António Manuel da Fonseca (1796-1890).

Retomando o início do artigo de Vasco Valente, este também afirma ter visto, além do incompleto e retalhado diário, “um pequeno álbum em que foram coladas algumas dessas produções” (1942, 48) recortadas do mesmo. Mais à frente precisou que o álbum tinha “muitas aguarelas, algumas interessantes e documentais, outras cheias de movimento de observação e de espírito crítico”. (1942, 49) Informou-nos ainda que o Álbum era então propriedade do Sr. Rodrigo de Castro Pereira, “também parente do Artista”. No mesmo artigo reproduziram-se as seguintes obras:

- Vista do Porto e Serra do Pilar tirada da margem esquerda do rio Douro. Desenho. Legenda do autor: “View of Oporto from the Quinta of Manuel Salgado”. Desconhece-se a origem e paradeiro do desenho.
- Sete apontamentos à pena de castelos: Alfeizerão, Montalegre, Vila Nova de Ourém, Buarcos, Sousel, Alter do Chão e Crato.
- Aguarela representando uma cena com populares e militares no Cais da Ribeira, com a Serra do Pilar em fundo.
- Uma liteira transportada por dois burros.
- Aguarela. Vista panorâmica de Lisboa tirada do jardim de S. Pedro de Alcântara (Fig. 9).
- Desenho à pena.



Figura 9 – Vista Panorâmica de Lisboa tirada do Jardim de S. Pedro de Alcântara (Carlos Van Zeller, *Álbum*).

Por último, o autor do artigo faz alusão à possível existência de outros trabalhos que faziam “parte das colecções do Sr. Alberto de Sousa e herdeiros de Frederico Pinto Basto”, mas dos quais nunca mais se ouviu falar.

O interesse em Carlos Van Zeller foi espicaçado pelo artigo de Vasco Valente e, em 1943, o Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, na época Diretor do Arquivo Histórico-Militar (AHM) publicou um artigo, no 13º volume do *Boletim do AHM*, intitulado “O Major Carlos Van Zeller, desenhador de uniformes militares da época das lutas liberais”, no qual acrescentou algumas notas biográficas sobre Van Zeller e deu a conhecer três trabalhos do artista que estariam, à época, no dito Arquivo, mas que infelizmente não nos foi possível localizar. São eles:

- Um desenho à pena representando um soldado que aproveita as calças de um cadáver para substituir as suas, com o seguinte comentário do autor “Exchange not Robbery!!”
- Uma aguarela com soldados portugueses intitulada “Portuguese Light Infantry”.

- Uma aguarela mostrando uma praça, com o título “Square of Almoester”.

Finalmente, no nº 5 do 2º ano da revista *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo* (1943) foi publicado um artigo intitulado “Um Subsídio Importante para a História do “Templo de Diana””, cujo autor assinou com as iniciais F.C.. (Branco 40-41) Nele se reproduz um desenho à pena do referido monumento emblemático da cidade de Évora. O desenho não está assinado, mas é possível identificar na legenda – “Templo de Diana, Évora, Julho” – a caligrafia do seu autor, Carlos Van Zeller.

Seria bem parco o resultado da investigação se terminasse aqui o percurso que empreendemos através da memória das obras de Carlos Van Zeller. Uma dúzia de desenhos e aguarelas e uns rápidos apontamentos de castelos. Aconteceu que, por volta de 2008, um dos autores deste artigo (JN) teve a oportunidade de consultar e fotografar na íntegra o que pensa ser o álbum atrás mencionado! Essa oportunidade foi-lhe oferecida pela boa vontade e simpatia de um amigo, Rodrigo Ulrich de Castro Pereira (1945-2019), seu proprietário naquela data e filho do anterior possuidor atrás referido.

O álbum não é “pequeno” nem alberga apenas “algumas produções”, como primeiro escreveu Vasco Valente. É uma verdadeira coleção, uma vez que nas suas páginas estão colados cento e trinta e seis desenhos e aguarelas. Além disso, deita luz sobre as declarações dos autores atrás citados sobre a existência de um “Diário”. De facto, na folha de rosto foi escrita, por alguém certamente próximo da família, uma curta introdução sobre a vida do artista, onde a certa altura se lê: “Muitas destas viagens foram relatadas por Carlos Van Zeller num Diário que ilustrou sendo deste Diário a maioria dos desenhos apresentados que do mesmo foram recortados por alma impiedosa que julgou ‘pouco convenientes’ certas passagens”. Quem escreveu estas palavras preferiu assinar a denúncia da impiedade com as iniciais P.N.A.M., deixando o enigma da sua identidade à espera de algum espírito arguto que o resolva.

Resumindo e clarificando, Carlos Van Zeller terá escrito um diário, com início em 1834, que foi ilustrando com desenhos e aguarelas

alusivas aos acontecimentos por ele relatados e às terras por ele visitadas. Alguns dos autores que, nos anos trinta e quarenta do século XX, se debruçaram sobre a obra do artista terão visto esse diário, mas, infelizmente, já incompleto por dele terem sido retiradas partes da escrita e desenhos que foram colados num álbum. Em 2008 este documento foi visto e fotografado por um dos autores deste artigo, sendo ponto assente que o mesmo se encontra atualmente na posse de representante mais direto da família Van Zeller. Não foi, contudo, possível, apesar dos esforços dos autores e de vários membros da família a quem se aproveita para agradecer, saber se ainda existe e aonde estará o que restou do diário depois de ter sido truncado das imagens que constituem o álbum e doutras partes que alguém, em tempos, considerou inconvenientes. O álbum será assim, pelo menos em parte, o testemunho vivo do que resta do diário.

Falta-nos apenas fazer uma espécie de inventário das obras de Carlos Van Zeller contidas neste álbum e tentar, na medida do possível, relacionar esse conteúdo, disposto de forma mais ou menos aleatória, com a cronologia biográfica revelada na primeira parte deste artigo.

No álbum encontram-se seis desenhos e onze aguarelas sobre Portugal, sete desenhos e noventa e seis desenhos e aguarelas sobre Espanha e quatro desenhos e doze aguarelas indeterminadas. Nas obras sobre Portugal, à parte algumas vistas urbanas ou de edifícios, os temas são maioritariamente etnográficos e num caso temos um retrato de mulher, "Anna da Castanheira". Quanto a Espanha, dividem-se os temas em partes semelhantes, entre etnográficos e militares, estes relacionados com o episódio das Guerra Carlista que se vivia em Espanha naquela época. Na maioria dos desenhos, a pena do artista representou cidades onde viveu ou paisagens que viu durante as suas deslocações neste país. Em muitos dos desenhos e aguarelas é perceptível a caligrafia de Van Zeller, no reverso da folha, mais uma prova, se necessário fosse, da existência do diário. Mas sem descolar os recortes não se poderá desvendar os segredos que lá se escondem.

Apoiados nos resultados da investigação biográfica é possível, através das imagens do álbum, seguir parte das suas andanças pela Península Ibérica. Assim, a sua presença no Alentejo, em julho de

1834, (Valente 56) está documentada no Álbum pelo desenho de um carro puxado por bois e inconfundivelmente carregado de palha de trigo. A sua estada no Porto, nesse mesmo ano, estará marcada por uma aguarela representando uma tranquila cena de populares e soldados no Cais da Ribeira, com a serra do Pilar em fundo, aguarela que está reproduzida, a preto e branco, no artigo de Vasco Valente.

Segundo este autor, em outubro desse ano, Van Zeller terá andado pela zona do Oeste descendo depois para Santarém. Lá encontramos no álbum um grupo de populares e um soldado pintados com o castelo de Leiria em fundo, com a legenda escrita pelo artista "Alcobasa - Leria - and South" (Fig. 10), e outra aguarela, com populares junto a um pelourinho e a legenda "South of Coimbra" (Fig. 11). Poderá ser desse passeio a aguarela que representa um campino junto ao seu cavalo guardando um touro: "The Campino - Towards Vila Franca". O percurso até Chaves, em 1835, está documentado por uma aguarela da torre de S. Bento em Guimarães, precioso testemunho deste monumento, demolido anos depois.



Figura 10 - Alcobasa, Leria and South (Carlos Van Zeller, Álbum).



Figura 11 – *South of Coimbra* (Carlos Van Zeller, Álbum).

De Espanha existem muitos mais desenhos e pinturas, que correspondem às duas viagens que o artista fez neste país. Não é possível distinguir qual das viagens pertence a cada uma das obras, uma vez que o percurso de ambas foi semelhante. O que o álbum nos permite concluir é que além dos locais em que, segundo Vasco Valente, Van Zeller terá passado ou permanecido, devemos juntar a região de Madrid, da qual o artista nos deixou bom número de aguarelas, ainda que apenas sobre costumes e figuras populares. Existem ainda alguns retratos.

É, porém, relativamente ao nordeste de Espanha, País Basco e Navarra, onde o pintor esteve de fins de 1835 até julho de 1836, que o álbum nos oferece um maior número de trabalhos. Neste período, Carlos Van Zeller pintou conjuntos de militares de ambas as facções em conflito, das unidades estrangeiras, francesas e inglesas, que participaram na guerra e dos grupos irregulares, que apoiavam uma e outra facção.

Tal como tinha feito com Portugal, Carlos proporcionou-nos ambientes da vida comum, com populares nos seus trajes e costumes, tendo muitas vezes o cuidado de indicar a respetiva localização. Deixou ainda cuidadosos desenhos de paisagens rurais e urbanas. Destacamos, entre estes últimos, um pormenorizado desenho à pena da Plaza de la Virgen Blanca (Fig. 12) na cidade de Vitória, como não se voltará a ver, pois o seu traçado foi alterado anos depois:

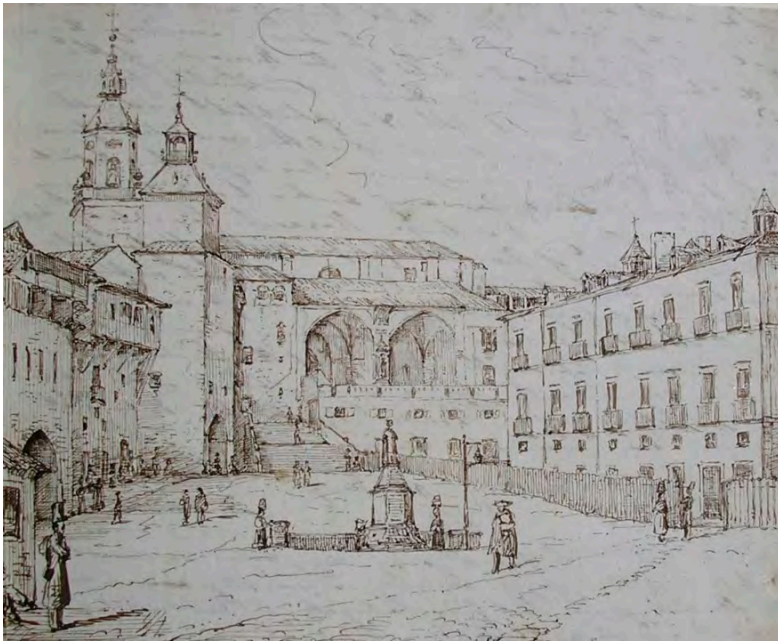


Figura 12 - Plaza de la Virgen Blanca em Vitoria, Espanha (Carlos Van Zeller, *Álbum*).

O espaço de que dispomos para este artigo é naturalmente limitado e são poucas as reproduções que aqui damos a conhecer. Tentámos, de qualquer forma, contribuir para um melhor conhecimento da vida e obra deste artista, de formação britânica, e da sua profunda relação com a história de Portugal e Espanha, no conturbado período das guerras liberais. O seu extraordinário testemunho

artístico das cenas de batalha, dos trajes e costumes, dos uniformes e das armas usadas em combate, permite recriar os acontecimentos mais emblemáticos desta época.

A notável coleção das obras de Carlos Van Zeller, militar português de alma inglesa, que serviu a causa liberal ao serviço de Portugal, encerra um valor artístico e histórico, cujo estudo e divulgação urge fazer.

Obras Citadas

- The Baring Archive. Series Hc2. Statistics of General Trade. 2.358. Disponível em: https://baringarchive.org.uk/materials/the_baring_archive_hc2.pdf (consult. 13/05/2022).
- Barreiros, Eduardo M. *Os Papeis de meu Pae*. Lisboa: M. Gomes, 1904. Vol. 1.
- Bollaert, William. *The Wars of Succession of Portugal and Spain, from 1826 to 1840: With Résumé of the Political History of Portugal and Spain to the Present Time*. London: E. Stanford, 1870. Vol. 1, Portugal.
- Braga, João. "Uma Carta de Brasão de Armas de El-Rei D. Fernando". *Prisma: Revista de Filosofia, Ciência e Arte*. A. 2, n. 3 (dezembro, 1938): 163-173.
- Branco, Fernando Castelo. "Um Subsídio Importante para a História do Templo de Diana". *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. A. 2, n.º 5 (1943): 39- 40.
- O Cerco do Porto: Em 1832 para 1833*. Porto: Faria & Silva, 1840.
- Chaves, Luís. *Os Pelourinhos: Elementos para o seu Catálogo Geral*. Lisboa: José Fernandes Júnior, 1939
- Freire, Agostinho José. *Relatório do Ministro da Guerra, 1828-34* (excertos). Disponível em: https://web.archive.org/web/20120619045041/http://www.angelfire.com/pq/unica/monumenta_1834_rel_freire.htm (consult. 01/05/2022).
- Hodges, G. Llyod. *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832: Under the Orders of His Imperial Majesty, Don Pedro, Duke of Braganza*. London: J. Fraser, 1833.
- Joseph Van Zeller & Co. Price Current. Bahia, the 23 July 1825*. Disponível em: <https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=2941319> (consult. 01/05/2022).
- Kinsey, W. M., Rev. *Portugal Illustrated in a Series of Letters: Embellished with a Map, Plates of Coins, Vignettes, and Various Engravings of Costumes, Landscape Scenery, &c*. London: Treuttel, Würtz, and Richter, 1828.

- Knight, Thomas. *The British Battalion at Oporto: With Adventures, Anecdotes, and Exploits in Holland; at Waterloo; and in the Expedition to Portugal with Plan of Oporto, and Sketches*. London: E. Wilson, 1834.
- Lima, Ferreira. "O Major Carlos Van Zeller Desenhador de Uniformes Militares da Época das Lutas Liberais". *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Vol. 13 (1943):179-183.
- Lista Geral dos Officiaes do Exercito Libertador Referida ao Dia 25 de Julho de 1833*. Lisboa: Typ. de A. J. C. da Cruz, 1835.
- The London Gazette*. London: Francis Watts, no. 19994 (29/06/1841).
- Pereira, Esteves e Rodrigues, Guilherme. *Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*. Lisboa: João Romano Torres editores, 1911. Vol. 5.
- Pereira, Vital Álvares. "Divisão Auxiliar á Hespanha de 1835 a 1837". *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Vol. 8 (1938): 78-145.
- Pires, Satúrio. "Divisão Auxiliar a Espanha em 1835-1837". *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Vol. 8 (1938): 61-159.
- Portugal. Arquivo Histórico Militar. Divisões. Portugal e Campanhas na Europa. Carta Constitucional. Lutas Liberais (1826-1834). Caixa n°162, doc. 20. 19. PT/AHM/DIV/1/19/162/20
- Portugal. Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra (SENG) – Ordem do Dia n.º 212 (1834). *Ordens do Dia*. Lisboa: Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, 1834. 1.
- Portugal. Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra (SENG) – Ordem do Exército n.º 28 (29/06/1835). Lisboa: Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, 1835.
- Reis, Maria C. *O Porto e o Comércio na Segunda Metade do Século XVIII: A Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro e os Negócios do Vinho*. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 2013.
- Shaw, Charles. *Personal Memoirs and Correspondence of Colonel Charles Shaw, K.C.T.S., &c., of the Portuguese Service, and Late Brigadier-General, in the British Auxiliary Legion of Spain*. London: H. Colburn, 1837.
- Torres, J. C.-B e. *Costados das Famílias Nobres de Portugal, Algarves, e Domínios Ultramarinos*. Lisboa: Na Impressão Regia, 1831. T. 2.
- Torres, J. C.-B. e. *Resenha das Famílias titulares do reino de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional 1838.

- Valente, Vasco. "Carlos Van Zeller. Artista Português da Primeira Metade do Século XIX". *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n° 11 (1942): 48-57.
- Van Zeller, Ana Maria S. "Maria Isabel Whittenhall van Zeller (1749-1819)". *The British Historical Society of Portugal. 31st Annual Report and Review* (2004): 117-119.
- Van Zeller, Carlos. [Álbum]. Introd. P.N.A.M. [Coleção particular. S.l., s.d.]
- . *Civil War in Spain: Characteristic Sketches of the Different Troops, Regular and Irregular, Native and Foreign, Composing the Armies of Don Carlos and Queen Isabella, also Various Scenes of Military Operations, and Costumes of the Spanish Peasantry*. Lith. J.W. Giles, printed J.P. Graf. London: J. Dickinson, 1837.
- . *View of the City of Oporto*. London: Robert Havell, 1833.
- Van Zeller, Rolando. "Subsídios para o Estudo do Traje em Portugal no 2º Quartel do Século XIX". *Portucal: Revista Ilustrada de Cultura Literária Científica e Artística*. Porto: A. Martins, vol. 7 (1934).
- Yusta, Rafael Mendoza. "Los Conflictos Carlistas a Través de las Artes Visuales (1833-1939)". *Arte, Arqueología e Historia*, n.º 21 (2014): 93-110.